

ISSN 2238-9113

ÁREA TEMÁTICA:

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

DIDATIZAÇÃO DOS GÊNEROS: UMA REFLEXÃO

Tatiane Dzirza Garstka (tatiane95g@live.com)

Eliane Santos Raupp (tatiane95g@live.com)

RESUMO – Partindo do pressuposto de que todos os textos se realizam em algum gênero textual/discursivo (MARCUSCHI, 2008 p. 154), o presente trabalho busca refletir a respeito da importância do ensino deste para a aquisição da competência comunicativa nos alunos (TRAVAGLIA, 1998), além de caracterizar gêneros textuais e gêneros discursivos, dando ênfase ao último, pois, neste trabalho, a língua é vista pela perspectiva sócio-histórica e dialógica, que a considera como um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas e que sempre ocorrem pelo diálogo (MARCUSCHI, 2008 p. 152). Baseado em leituras de autores como Marcuschi (2008), Bakhtin (1997), Maingueneau (2001), Travaglia (1998), além dos Documentos Oficiais – Diretrizes Curriculares Estaduais e Parâmetros Curriculares Nacionais -, este estudo pretende também abordar a importância do suporte, além de iniciar uma reflexão sobre a didatização dos gêneros (FONSECA, 2014) e de que maneira estes, didatizados, dificultam o ensino de línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de línguas. Didatização. Suporte. Gêneros textuais/discursivos.

Introdução

Após a implantação dos Documentos Oficiais, tanto nacionais como estaduais, o ensino de línguas deixou de ser apenas gramatical e passou a dar ênfase ao caráter reflexivo, pois estes documentos apoiam-se em concepções teóricas recentes e inovadoras que defendem a perspectiva sócio-histórica e dialógica, defendida por Bakhtin. Nessa perspectiva, o ensino de gêneros discursivos passou a ser de suma importância, pois “todo o texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, os quais geram usos sociais que os determinam.” (BRASIL, 1998, p. 21).

Assim, os trabalhos com gêneros discursivos nas salas de aula tornaram-se cada vez mais comuns. Porém, muitas vezes, insiste-se no ensino de gêneros discursivos inseridos em modelos ou estruturas estanques, carecendo de explicações sobre a mutabilidade deste

conforme o discurso em que os usuários da língua estão inseridos, dificultando, assim, a aquisição da competência comunicativa nos alunos.

Ao se referir à competência comunicativa, Fonseca (1984) define este termo como a capacidade de usar melhor a língua, usar melhor “[...] não apenas para aperfeiçoamento do domínio de estruturas, de correção gramatical, mas também, e, sobretudo, como obtenção de sucesso na adequação do ato verbal às situações de comunicação” (FONSECA, 1984, p. 259 apud MARCUSCHI, 2008, p. 54). Em síntese, é saber utilizar a língua em diversos contextos e situações de comunicação.

Nesse sentido, para adquirir a competência comunicativa, é preciso ensinar ao aluno a ser um sujeito reflexivo, mas também não se deve deixar de lado o ensino de gramática, pois esta contribui para que o sujeito saiba usar sua língua corretamente, sem confundir o seu interlocutor, quando for atuar na sociedade. Assim, para os Parâmetros Curriculares Nacionais, a função da língua enquanto geradora de sentidos e integradora da organização de mundo e da própria identidade é fazer com que indivíduo seja capaz de interagir, defender suas próprias opiniões, expressar suas emoções, porém, sem deixar de respeitar as manifestações de linguagem utilizadas por diferentes grupos sociais em suas esferas de socialização. (BRASIL, 2000, p. 14)

Objetivos

- Destacar a importância dos gêneros textuais/discursivos nas aulas de línguas;
- Caracterizar gêneros textuais e gêneros discursivos;
- Abordar a importância do suporte no ensino de gêneros;
- Iniciar uma reflexão sobre as limitações que a chamada didatização impõe ao ensino de gêneros textuais;
- Analisar, com base em uma pesquisa, como está a situação do ensino de gêneros nas escolas públicas.

Referencial teórico-metodológico

Toda vez que é preciso comunicar-se, é necessário utilizar-se do texto, e todos os textos encontram-se em algum gênero discursivo. (MARCUSCHI, 2008 p. 154; MAINGUENEAU, 1998). Nesse sentido, é possível perceber a importância de trabalhar com o ensino de gêneros, tal como ressaltam as DCE's ao afirmarem que “o aprimoramento da competência linguística do aluno acontecerá com maior propriedade se lhe for dado conhecer,

nas práticas de leitura, escrita e oralidade, o caráter dinâmico dos gêneros discursivos.” (PARANÁ, 2008, p. 53).

Vale ressaltar que este Documento Oficial utiliza apenas o termo *gênero discursivo*, ao invés de *gênero textual*, tal como este trabalho, pois depende qual perspectiva o estudo seguirá. Isso ocorre pelo fato de que o *texto* refere-se, segundo Travaglia (1998),

[...] uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou pela audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independente da sua extensão. (KOCH E TRAVAGLIA, 1989: 8 e 9 apud TRAVAGLIA, 1998 p. 67).

Nessa acepção, *texto* não possui um tamanho específico, é caracterizado por possuir um sentido e, principalmente, é uma unidade concreta. Nessa significação, os *gêneros textuais*, em Marcuschi, “apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.” (MARCUSCHI, 2008 p. 155).

Já o termo *discurso*, definido por Travaglia, compreende:

Toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação – ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo – como também o evento de sua enunciação. (TRAVAGLIA, 1998 p. 67)

Nesse sentido, o *discurso* leva em conta outros diversos aspectos, tais como as necessidades e objetivos dos interlocutores, das suas intenções, da disposição de cada um, além de fatores externos ao indivíduo, tal como a instituição, a localização cronológica/histórica, os valores sociais, a religião, entre outros. Estes, em conjunto ou não, são capazes de modificar o texto enquanto unidade materializada.

Nessa perspectiva, Bakhtin, conhecido como filósofo do discurso, define *gêneros discursivos* afirmando que “qualquer enunciado considerado isoladamente, é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.” (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Mesmo os gêneros possuindo certa construção composicional, o que realmente o caracteriza é seu objetivo, pois, segundo Marcuschi todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua delimitação se dá basicamente pela função e não pela forma. (MARCUSCHI, 2008 p. 151).

Nesse sentido, os gêneros discursivos são capazes de se modificarem para atingirem seus objetivos. Porém, vale ressaltar que certos gêneros são mais formais e, conseqüentemente, não variam muito, tal como os do domínio discursivo científico, acadêmico, jurídico, militar, entre outros, que precisam seguir certos modelos para atingirem seus objetivos. Já os menos formais possuem maior maleabilidade, e dispensam essas estruturas. Por exemplo, é possível analisar a propaganda e perceber que esta se apresenta nas mais diversas situações, sendo impossível de estruturá-la: rádio, TV, filmes, clipes de músicas, *outdoors*, guardanapos, placas, entre outros. Todavia, o objetivo de anunciar um produto permanece.

Estes exemplos de situações onde a propaganda pode ocorrer são denominados *suportes de gêneros* ou *suportes textuais*, que se trata de um *lôcus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. (MARCUSCHI, 2008, p. 174)

O suporte é de suma importância, pois os gêneros dependem deste para poderem circular, além de ser capaz de mudar o gênero ou até criar novos. Isso ocorre, pois a língua está sempre “correndo atrás” para acompanhar as mudanças na sociedade, tal como acontece com o *outdoor*, que fez com que propagandas, convites, declarações, avisos, entre outros, migrassem do seu local de origem e se adequassem a este moderno suporte.

Nessa lógica, como afirma Maingueneau, “é necessário reservar um lugar importante ao modo de *manifestação material* dos discursos, ao seu *suporte*, bem como ao seu modo de difusão: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador etc.” (ênfase do autor) (MAINGUENEAU, 2001, p. 71 apud MARCUSCHI, 2008, p. 173).

Deste modo, para que o ensino de gêneros discursivos obtivesse sucesso e que os alunos pudessem ter acesso aos mais diversos gêneros que circulam atualmente, o livro didático (doravante LD) tornou-se grande aliado dos professores, pois muitos gêneros migraram do seu suporte de origem para este. No entanto, a didatização dos gêneros discursivos acarreta em perdas, pois essa ação:

[...] implica necessariamente uma transformação, ao menos parcial, do GT [gênero textual] de origem, para que os objetivos de ensino sejam alcançados com o máximo

de eficácia, o que implica uma espécie de simplificação, em que se porá ênfase nas suas dimensões ensináveis. (ARAÚJO-JÚNIOR & ARAÚJO, 2013).

Nessa mudança, o gênero não tem mais o mesmo sentido (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004 apud BARROSO, 2011). Ou seja, o gênero trabalhado fora do seu suporte acarreta em perdas na aquisição da competência genérica. Além disso, “os alunos devem ser expostos a situações de comunicação as mais próximas possíveis das situações reais de usos dos GT.” (ARAÚJO-JÚNIOR & ARAÚJO, 2013).

Um bom exemplo disso é a charge, que critica/ satiriza acontecimentos historicamente situados, e que acaba perdendo seu sentido se trabalhada somente no livro didático, pois esta necessita de leitores que estejam contextualizados com o assunto criticado por ela. Assim, a charge em um livro didático não fornece informações exteriores a ela, e o aluno poderá ter uma compreensão incompleta, além de não tem acesso a um real uso deste gênero.

Portanto, neste caso, o recomendável seria levar à escola jornais que contenham charges, além de notícias, manchetes, entrevistas, reportagens, artigos, entre outros, para que o aluno possa perceber em que época a charge foi escrita, quais eram os problemas que aconteciam, o objetivo do autor, para assim poder interpretá-la conforme o contexto.

Com base nessas premissas, é possível questionar-se a respeito dos outros gêneros discursivos e se a didatização destes acarreta em perdas na compreensão, além de saber como os professores trabalham com os gêneros: se é com base apenas no livro didático ou é levado à sala de aula os suportes com diferenciados gêneros.

Resultados

Por se tratar de um estudo em desenvolvimento, os resultados alcançados até o momento estão relacionados às reflexões teóricas. Contudo, espera-se realizar uma intervenção junto às escolas, com o propósito de verificar a atual situação do ensino de gêneros discursivos no contexto escolar.

Espera-se que os docentes estejam atendendo às propostas dos documentos oficiais quanto ao ensino de gêneros discursivos, além de estarem contribuindo para a aquisição da competência comunicativa nos alunos, para que estes, conseqüentemente, possam interferir na sociedade em que se inserem.

Considerações Finais

Destaca-se, por fim, a importância dos acadêmicos e futuros docentes participarem de grupos de estudos e projetos, pois estes estudos “fora da sala de aula” fortalecem a formação desses profissionais, e, conseqüentemente, refletem na qualidade de ensino e aprendizagem nas escolas, ou seja, a pesquisa e extensão ocasionam retorno à sociedade.

APOIO: Fundação Araucária e PROEX

Referências

ARAÚJO-JÚNIOR & ARAÚJO. **Da internet para os livros didáticos: uma análise da didatização de gêneros textuais digitais.** Hipertextus Revista Digital (www.hipertextus.net), v.11, Dezembro 2013.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso** (1985-1975). In.: *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2' cd. — São Paulo Martins Fontes, 1997.— (Coleção Ensino Superior)

BARROSO, T. **Estudos Linguísticos.** Londrina, n. 14/2, p. 135-156, dez. 2011

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio.** 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 1998.

FONSECA, J. **O Processo de Didatização dos Gêneros Discursivos em Práticas de Ensino de Língua Portuguesa: Um Diálogo entre a Aula e o Livro Didático.** Jundiaí, Paco editorial: 2014

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso.** 3ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 1997

_____. **Análise de Textos da Comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

PARANÁ, Secretaria de Estado de Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa.** Paraná, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação:** uma proposta para o ensino de 1º e 2º graus. 4 ed. São Paulo, Cortez, 1998.